

A RUA DIREITA

IVAN

Somente o Lola poderia afirmar, com toda segurança, se a notícia da Proclamação da República chegou a Monte Sião logo que divulgada. Como o Lola saiu para viagem prolongada, preferimos imaginar que chegou. Chegou para atrapalhar; não a administração do distrito que éramos; chegou para atrapalhar a Rua Direita, reta, direita, às direitas, primitiva, quase que filha única. Dileta. Quando ficamos sabendo – talvez mais de um ano depois – que a monarquia findara, um estafermo qualquer, sem saber neres de pitibiriba, de reinado, de república, resolveu dar sua puxada de saco, trocando a terna Rua Direita por XV de Novembro, sem antes consultar ao menos um professor que lhe explicasse o significado da recente transformação política. Se tivesse esse cuidado, notaria que para nós, provincianos, distantes da capital e dos mandatários, a mudança pouco nos dizia, talvez nada, e a ruína continuaria Direita. O mesmo estafermo pensaria que, com o pomposo nome, estaria dando uma de patriota, seria procurado para explicar o significado do XV de Novembro, alcançaria fama e respeito. Caiu do cavalo. O mesmo cavalo que se fez montar pelo proclamador – marechal Deodoro – e o derrubou pouco tempo depois. O nome não pegou – bem feito – e a Rua Direita permaneceu Direita, direita, por direito do povo. Infelizmente, para quem tem menos de 40 anos, agora é Presidente Tancredo Neves, político que, se sabia da existência de Monte Sião, não acreditava nela – assim, como os ateus modernos agem em relação a Deus. Defendo, pois, a denominação Direita com palavrões, ódio, rasteiras, tapas, cuspidas, desaforos – só não uso unhas e dentes porque todo mundo usa – porque a rua foi arena de acontecimentos heróicos, históricos, de ocorrências que mudaram não apenas a nossa História com também nossa economia, nossa sociedade e nosso comércio, pois foi bem ali que nosso tricô brotou, floresceu e frutificou. Foi ali que a até então desconhecida abastança instalou-se entre plumas e paetês, afogando nossas tradições, nossos sonhos tímidos, transformando a postura dos seus moradores ao tirar-lhes a paz, sua inocência e sua autenticidade, mudando-lhes o caráter, roubando-lhes a personalidade. Se bem que, ante a prosperidade financeira, essas perdas são insignificantes, mesmo custando um processo secular de formação genética que resultaria na identidade de um povo. Então, o melhor é esquecê-las, já que o esquecimento talvez interrompa a degenerescência.

Saibam todos quantos esta virem ou dela tomarem conhecimento que pela Rua Direita o Major Fundador subiu, aclamado por seus pares e sob foguetório digno de posse de prefeito, para anunciar a fundação da cidade, prova de que a Rua já aqui estava antes da criação da vila. Antes da criação, mas sem ter sido o caos, pois este casario ladeando a Rua e que “vosmecê aprezeia” sempre foi ordeiro, com os justificáveis dias de exceção - momentos de inenarráveis bagunças, tramas velhacamente urdidas, além de traições deliciosas.

Foi por Ela que galgaram três bandas de música: a Velha, que partia da casa do Hermínio Zucato, sempre em busca de consagração definitiva; a Nova, que saía do Adolfo Canela, garbosa em seu uniforme branco e queques reluzentes, e a dos Pinheiros, iniciando sua caminhada na venda do Elpídio Glória e, sem ligar para a exaustão da viagem, subia a Rua soprando canseira e dobrados de glória eterna. Há rua parecida?

A Rua Direita assistiu, estarecida, a desastres inconcebíveis, porque Ela sempre deu inconcebibilidade maior ao inconcebível. Pois foi descendo a Rua, que o Vito Ciaffa desembestou em sua bicicleta sem freio, sem selim e sem a campanha para alertar alguma testemunha para lhe dar auxílio na Rua deserta. Embora mais leve e fraco que choque de vaga-lume, o Vito ganhava velocidade como nunca antes conseguira – o cigarro de palha apagou-se, o cabelo deitou, ficando penteado para trás, o nariz afilou na ventania. A impressão era de que bicicleta e ciclista formavam uma só peça, mais parecendo um lápis em desabalada. Na iminência da calamidade, o Vito, arto como era, calca o dedão do pé na roda da frente, querendo breicar a bicicleta desobediente. Breicar, brecou. Mas com o dedão conduzido e entalado no garfo da roda, a bicicleta corcoveou, jogou bunda, levantou vô e partiu zunindo e rodopiando pelos ares, virando-cambota, com o Vito gritando “acuda, gente”, e os dois, arrastados sobre o pedregulho, só estacionaram em frente ao Hotel Guarini onde, com redobrado esforço o Rafael Guarini ensaiava na cla-

rineta os dobrados para o próximo domingo na Largo do Jardim. A bicicleta, além dos acessórios que não possuía e de outros que perdeu no incidente, foi dada por imprévisível. Ao Vito declarou-se perda total, pois dele, além de alguns ossos amassados, ficou um pedaço de pele que mal cobriria um dedo. Passadas três semanas, já vendia o seu pirulito e suas fetas de abacaxi, cheias de olhinhos de picar a boca e excelentes motivos para amaldiçoar o nobre ciclista. Houve hecatombe maior em outra rua?

Na Rua Direita morou o Lé. Além de emprestar, de graça, seu nome ao morro em cujo início tinha sua casa, o Lé foi proprietário de uma filha cantora – a Zoraide – que, em dia de encantamento e inspiração, homenageou Ary Barroso ao mesmo tempo em que pagava sua conta ao Lucianinho na Loja do Plácido, solicitando, em Lá menor: “Risque meu nome do teu caderno...” Nem a Tancredo nem a XV seriam capazes de tanta arte. Ali também morou o José Comparini – casa ainda conservada pela Marly, filha – cujo relógio fundiu-se à sua pele, tão estimado era, que nunca mais se despregou de seu punho. Mas essa não foi sua maior faculdade. Houve outra, retumbante, quando, de madrugada, serenata de sangrar corações tirou-o da cama. Abriu a janela, olhou para o relógio como se fosse mais um órgão do seu corpo, conferiu a hora sempre exata e, com a fleuma de um lorde britânico, graciosa e sutilmente sugeriu: “pára com essa merda”. Confessa: há outra rua igual?

Só a fim de provar que pão também é alimento do intelecto, certifico que na Rua Direita ficava a padaria do Pedro Galbiatti que, por transmissão genética, gerou a livraria Espaço Alternativo, onde o Edno come sabedoria e vende livros, como diria Castro Alves, “a mancheias”. Pedro e Edno fizeram tantos pães que se jogados no Atlântico, absorveriam toda sua água, deixando pelas e mortas de vergonha suas ilhas pudicas. Quem tem Rua assim? Corto parte muito importante do meu corpo se houver alguém. Se houver, avisem-me com bastante antecedência para que me arrependa e volte atrás, feito mijada de gato. Quando o Luiz do Zé Rosa subia a Rua Direita com a tocha de estopa acesa, podia-se contar: era dia de festa. Primeiro, ele escorvava a pólvora socada para que se soltasse; depois, chegava a tocha em brasa, incendiava o canudo de bambulim, o foguete partia como um raio, riscando o céu com seu rabo de fogo, e só não explodia em Marte porque, zeloso, o Luiz previra as futuras explorações da Nasa e pretendia deixar o planeta virgem, não atrapalhando as pesquisas. Já, se ele subia com a carroça de colher lixo e puxada pela mula Palmeira tinha dois significados: o Verdão acabara de vencer e a cidade estava imaculada.

Animais como a mula do Luiz, só os cavalos do Mário Zucato; se bem que, sendo do Mário Zucato, qualquer pangaré se transformava em puro-sangue, tal o prestígio do farmacêutico, chefe político, prefeito, fazendeiro e elegante morador da Rua Direita. Porém, dentre os grandes feitos do líder, o maior deles não foi conseguido por ele próprio, mas por um menino no catecismo. Quando perguntado “quem era a padroeira de Monte Sião”, sem pestanejar, lascou: “é o Mário Zucato”. Que outra rua tem padroeira, ainda mais, homem? respondam, pixotada.

A Rua também abrigou o Costinha que, pelo diminutivo, só poderia ser filho do Modesto. Teve a Loja do Gusto Pocaí, na verdade, Pedro, pai do Laércio, na verdade, José. Dá para entender? Dá! Desde que seja na Rua Direita.

Tenho como certa a cultura absoluta de todos os meus três leitores. A eles dirijo a pergunta: sabem vocês, eruditos amigos, onde foi que Giuseppe Verdi se inspirou para compor o Coro dos Ferreiros, no ato II da sua ópera O Trovador? Nada mais nada menos que na ferraria do Canelão, quando ele fazia tinir melodiosamente seu martelo na bigorna, modelando a ferradura, presa na tenaz do Mateus. Mais detalhista que Verdi, o Canelão teve a pachorra de se casar com dona Helena Ferreira, para combinar com a profissão inspiradora de óperas... e por amor, também, é claro. A Rua ainda conservava, à prova de indesejáveis influências externas, o Lorico, homem deste tamanho, compositor de uma ninhada de filhos bons; o Tónico Canela, que se casou com um novelo de seda – dona Adalgisa; o Bepe Moterani, galardoado com quatro estrelas – Maria, Teresa, Antonieta e Hermínia – onde coabitavam o Pascoal e o Adolfo que, ao chorar, vertiam valsas com anágua e Água de Colônia; além do Zé Bassi, criador do sorriso de dentes brancos. Na esquina do Peri, o Peri mais o João do Peri, carregando a vida nas costas,



O “Monte Sião” presta sua homenagem a Ivan Mariano Silva, o seu Ivan. Ivan Mariano nos deixou no dia 09 de agosto. À frente de quase todas as manifestações culturais de nossa cidade, deixou um legado inestimável. Hoje estamos todos um pouco órfãos!

a modo de saúva em pé de rosa.

Por tudo isso, faço questão absoluta de gargantear que na Rua Direita nasci eu, embora mentindo descaradamente, levado pelo orgulho de lá ter vindo à luz. Mas para lá fui em cueiros, os mesmos em que minha família, passados 72 anos, ameaça meter-me novamente, o que exige de mim severa vigilância. Da Rua Direita só sai chorando aos 17 anos, idade ideal para cortejá-la e namorá-la, embora já a amasse ao nascer, ali pertinho, no Largo do Jardim. Tenho direitos sobre a Rua, vê-se. Tenho razão em detestar a XV de Novembro e a Tancredo Neves. Que se lixem. Ambas. Cambada.

Nas noites de insônia por desvantade de dormir, a Ruína se oferece de companhia em meus devaneios. O cheiro da terra que o Acácio Zanchetta acabou de molhar para enxotar o pó do armazém; o Tónico Padeiro soprando o trombone para tirar-lhe a dor, entre duas fornadas; o Abílio Zucato flanando para aliviar o desconforto dos calos; o Zelim recebendo os colonos no fim da semana, pagando-lhes os dias; o Luizinho Jaconi enchendo xícaras de chocolate denso e fumegante; o Neno Bernardi redigindo sua nova Constituição do Brasil, dizendo ser muito branquicelo porque, o inverso do seu nome, Raul, dá luar; o Ciro pontilhando a corda fina do violão, que o Bar Central está deserto; o Vitório Cetolo marcando o tempo da sinuca; a Duvirge medindo a lingüiça nas marcas do balcão; o Flávio Glória comendo pastel antes da viagem à Aparecida; o Alvarim, apressado, aplicando injeção de penicilina, para não entupir a agulha; o Albino trocando milho por fubá do seu moinho; o Zé do Albino segurando seu sorriso entre melancólico e conformado para deixá-lo na boca do filho Shirley; a Angelina Pocaí colecionando medos para, na hora propícia, amedrontar as crianças; o Pedrinho Rielli assomando à janela para justificar a pobreza antiga da Rua, garantindo um sorriso mais seguro de felicidade; o Plácido, de cabeça erguida, não por soberba, mas para olhar pela lente de debaixo dos óculos; o Flívio completando sua colcha de retalhos, que só terminou na poesia do filho Eraldo; dona Nely esculpindo seu pudim de coco, ainda insuperável; o Arthur Pennacchi picando fumo com seu canivete preto de fumo; o Pedro Turco vendendo tubos de tinta para roupas descoradas; o Zé Rosa benzendo sapinho na boca da madrugada; o Assumpto Volpini, homem prompto, de intelecto, apto a manipular fármacos de eucalipto e cacto; de caráter compacto, circunspecto, anjo áptero, tocando a sanfona, sem lapsos, de óculos e olhos cerrados, o Baptista, que nos trouxe o Ugo, de helicóptero, tão finamente se portavam; os Hermínios Zucato, o pai no bombardino, o filho em todos os outros instrumentos; o Último Labegalini, sempre o primeiro; o Atilio coçando a cabeça do Véio; o Eduardo Fabri a espicaçar os poderosos inexistentes, cantando “a banda da Lindóia é mais bonita que a daqui”; a Rua subindo meu corpo, o cheiro do saibro, o casario de triste felicidade, as crianças comendo terra, a barquinha na enxurrada, as andorinhas em vô rasantíssimo após a chuva cheirosa, e minha mãe condenando-me ao sacrifício extremo – “já pra dentro tomar banho; anda”. Angustiado, acendo a luz, vou à janela esperando por um passante. Ninguém passa. A quem pedir? Bem baixinho, para não despertar a companhia, à beira do soluço, imploro: alguém, por misericórdia, devolva-me a muito minha Ruazinha, porque a quero bem, porque tenho o cheiro dela, porque respiro o ar dela, porque eu sou as casas dela; porque me deram ela; porque...porque...porque. E a Rua me desaparece... para sempre. Para sempre. Por quê?

JÁ ESTOU COM SAUDADES DO AMIGO IVAN MARIANO

TONINHO GUIRELI

Em meu tempo de criança, o que se podia fazer na sempre bela Monte Sião, senão algumas brincadeiras típicas de criança, o que se fazia para distrair a molecada durante o dia e também nas noites da cidade, não era? Quase nada, a não ser o bom papo com os amiguinhos de sempre, durante o dia, e também a boa conversa à noite, em nosso monumental Jardim, onde passávamos horas e horas, contando histórias, piadas, lembrando fatos e feitos, e aproveitando a noite e a amizade reinante, o que deixava todos nós muito felizes.

Minha amizade com o Ilson Mariano era muito grande (e sempre foi), e tanto que eu ia na casa dele e lá ficávamos horas e horas conversando sobre tudo que lembrávamos. Dona Mercedes, a matriarca da família, sempre foi muito amiga de meus pais; seu marido Geraldo Mariano também. E o “seu” Geraldo “percebia” quando algum dente meu pre-

cisava de uma reparação; e aí, como bom dentista que era, já me puxava para a cadeira própria e fazia o “concerto” do dente e de “graça”. O Geraldo Mariano e o meu pai Zé Guireli sempre foram muito amigos e também pescadores, o que aumentava a amizade de ambos. E assim posso dizer, que o sentimento de amizade entre nós sempre foi muito grande, pois a Dona Mercedes me tratava como um filho, talvez até por ter sido amiga de minha mãe Ninha, que nos deixou quando eu era uma criancinha de 7 meses de idade. Ela e a Dona Alzira (mãe do sempre amigo Josmar Beltrami) ajudaram a cuidar de mim com muito carinho, procurando substituir e preencher a ausência de minha mãe Ninha.

E assim, através dessa bonita amizade, eu quase não saía da casa deles. Era grande o carinho oferecido por todos. Dona Mercedes e o marido Geraldo Mariano; o Ilson e a Irma, que tinham quase a mesma idade que a minha, e também o Ivan, que veio a se

formar dentista e que achava um tempinho também para conversar um pouco com a gente. E me lembro bem, do “pé de jabuticaba” que havia no quintal deles. Nunca vi igual em outro lugar, pois jabuticaba daquele tamanho não se via assim, em qualquer lugar, não! Parecia (em tamanho) a bola 7 do jogo de sinuca (ou “snooker”); com certeza. Volto a dizer: Jamais vi em outro lugar, jabuticaba daquele tamanho, e era uma delícia, e bastava apanhar 2 ou 3 e já “fazíamos a festa”. E também posso dizer que o Ivan Mariano, já naquela época, era um grande contador de piadas. E já tinha em seu imaginário, esse “grande estoque de piadas”, para distrair os meninos (Ilson e eu) e alguns outros que chegassem. Se a piada tivesse algum palavrão, ele pedia antes para a Irma sair de perto.

E posso dizer, sem medo de errar, que daquela época em diante, eu passei a admirar e respeitar o Ivan. E éramos amigos, embora a diferença de ida-

de entre ele e nós (Ilson e eu) fosse de alguns anos (talvez 8 ou 9), visto que ele já cursava a faculdade e nós o Ginásio de Águas de Lindóia. E mesmo sendo alguns anos de diferença, eu joguei futebol com o Ivan, na A.A.M. (Associação Atlética Montesionense), durante algum tempo, e jogamos até bem, visto que fizemos boas partidas e permanecemos no time uns bons anos. Já no tempo do Ginásio de Águas, o Ilson jogava também, embora ele batesse mais nas canelas dos adversários do que na bola!!! O Ivan já era melhor, pois dominava bem a bola e desarmava os adversários, sem derrubá-los. Jogamos futebol, contamos piadas, nos divertimos, como também sempre tivemos uma grande amizade. Depois o Ivan começou a namorar a Ivone Mussi, casaram, nasceram os filhos, e ele ficou um pouco mais caiseiro, e mais sério! Até parece! Só que ele passou a observar e a admirar mais a natureza, e a permanecer mais em seu “pequeno

latifúndio”, onde cuidava com extremo carinho das aves e pássaros, e de todo animal que lá aparecia. Fez ninhos, caprichados, para as rolinhas, canários, maritacas, e cuidou do famoso peixe mandí (com um só ferrolho), da raposa, coelho, capivara, formiga, tatu, etc;

E ele nos deixou; que pena! E que saudade vamos ter, sempre, do amigo Ivan, e de seu famoso latifúndio “Chácara Brumal”, que a UNESCO “invejosamente” tentou fazer o tombamento, mas o órgão IPHAN (sigla do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) não consentiu, apoiado que foi pelo Ivan e sua turminha, por ser um muito agradável e bucólico lugar, cujos efeitos paradisíacos fluem e servem de refúgio a todos nós, bebedores de cerveja, pinga Moreninha, Whisky 12 anos, e que já dissemos à UNESCO que a Chácara Brumal é nossa, e daqui ninguém nos tira, não!

A saudade do Ivan, já está sendo sentida no latifúndio dos Marianos e em

toda a Chácara Brumal, tanto que algumas pessoas já ouviram estranhos relinchos e sons indescritíveis, que bem podem ser do “falecido” cavalo Camões, da éguinha Gabriela, da vaquinha Mary Lou, do galo Natesta, do jumentinho Ronaldinho e até do peixe mandi (sem o ferrão). Todos chorosos com a partida do Ivan, que certamente vai ganhar de São Pedro uma área maior, para cuidar de seus passarinhos e animaizinhos, e também se juntar aos seus entes queridos, que já estão lá esperando por ele. O filho Bruno, muito sentido com a ausência do pai Ivan, certamente já notou que os passarinhos também estão tristes com a falta dele, e já “perceberam” isso e já estão até se manifestando com os seus piados mais tristonhos.

Que Deus abençoe sua alma, grande amigo Ivan! E que ele também console por aqui seus familiares e amigos! Amém!

IVAN MARIANO: O FAZENDEIRO DO AR

JOSÉ ALAÉRCIO ZAMUNER

O Ivan pediu, era urgente, e o Raimundinho apareceu logo às seis da manhã, atender o pedido do amigo de anos. Quero cultivar, de verdade, este ar de meu sítio, Raimundinho. Faça o que for preciso. A terra não é tanta, mas o ar é latifúndio. Já falei com os vizinhos, seres do ar, tudo liberado. É medir tudo que é ar e planejar cultivo para meus amigos. Se preciso for, plante um pé de feijão. Um pé de feijão, Raimundinho, para facilitar a subida dos amigos. Mas nem me pergunte nada, você sabe o que fazer: conclui que daqui pra frente vou ser o fazendeiro do ar, destas bandas.

Pronto, taí um desejo e pedido de um amigo para executar. O próprio Ivan transitou ar de ajudante. Mas, só nós dois damos

conta dessa tarefa, amigo? Espere e vai ver, num repente de encanto, tudo vem na hora certa, se o ar já existe volátil, basta pensar que o mundo vira verdade inventada. Olhe ao seu redor: antepassados dos seres, amigos, poetas, vozes dos bichos: todos pedidos cultivo!

“No rancho fundo...” do antigo terreiro de café, passaram um tempão pensando qualquer tipo de pensamento. Inspirados: os ratos vinham cheirar, roer as migalhas, os grãos, com os sabiás, sanhaços bicando o cacho de banana dependurado ao lado; saracura abria e fechava os dias. Os pensamentos esvoaçando ainda mais o teto do rancho, outros seres rondando os ares: o torvelinho de pensamento rodopiando. Inspirado: Ivan pegou o violão, cantou, cantou e cantou, nuvem de mais seres do ar e da terra

pairando sobre aquele rancho fundo... “bem pra lá do fim do mundo...” Inspirado: Raimundinho já tinha a resposta que pegou foi de uma música que Ivan ponteu noite inteirinha... Inspirados: os galos foram devagar puxando os braços de um sol maior amarelinho, vem, sobe, vem, sobe, vai, que os cantos dos galos e aves outras cantavam assim... Escute, só: é só saber ouvir que você escuta e vê direitinho, completou o Ivan...

...Vem luz do rancho em escadaria de espesso ar sumindo pro céu; Ivan sobe. Chega e olha seu Latifúndio... pronto para o cultivo: bois e cavalos alados, arado, violão, anjos... tudo pronto pra tarefa. Todos esperando lá embaixo: Aguarde aí, Raimundinho!

Diáfano, o Ivan, tinha de ver, sai suave por entre suas memórias parentes do ar repletos de cantorias, e seguem, todos, cultivando tudo que é qualidade de frutarias, sementarias, árvores de fadas, rios e lagos e sapos e peixes mágicos. Nuvens firmes de encanto com pés de música, de partituras, de instrumentos. À noite, as estrelas transitam brilhantes, Antares é exuberante. Ivan colhendo agora tempo esticado de ares daquele seu latifúndio espalhado céu afora... com todos os

seres, os que pertencem ao dia, os que pertencem à noite: venham!, e vinham; cantem!, e cantavam-chilreavam-trilavam; magem!, e os bezerrinhos chamavam hum-mãe-mãe!; venham, batráquios coaxando charcos!..., venham, mulheres, homens, crianças, familiares: vibram coro Bachiana dos anjos!! Lindas todas estas notas de Deus: É o que sempre quis!

Aparecem os amigos: cadê o Ivan, Raimundinho? O Ivan subiu pro céu, tá lá em cima. Manda dizer que é Fazendeiro do Ar, agora.

Bão, disse o Irso, nós tudo aqui parado, sem fazer nada, sô! Bam ajudá nosso amigo e irmão inventar a alegria dele!... Óia quanto poeta por aqui... Irso pegou sua flauta e soprou as primeiras notas da Primavera:

instantaneamente a escadaria de espesso ar aparece em notas e versos. Ouve-se uma voz aérea de convite: Podem subir, só pisar firme, na fé, que esta escada sobre suave pro céu. Subam suas vozes poetas!...

E porque o céu já estava todo cultivado de sons e fadas, cantores, poetas, cronistas, mais violeiros do Monte Sião chegam em romaria ao Latifúndio do Ivan... “Meu coração, não sei porque/ Bate feliz quando te vê/...” As almas descem e sobem a escadaria, juntam-se a uma única cantiga esvoaçante pra todos os quadrantes e os pássaros chilreando satisfação da tão aura sinfônica, que Ivan tanto buscou... Um corredor específico, digo, um funil de ar se forma, passa pela Matriz e chega

ao Campo Santo. As almas, de todos os artistas dali, levantam-se e voam suaves em seus modos aéreos, indo até a fazenda encantada. Daí pra frente a cantoria foi eterna intensa... “Vem, vem, vem, vem/Vem sentir o calor dos lábios meus à procura dos teus/...”

Vêm, todos fazendeiros do ar, somos todos etéreos, agora: que esta fazenda pede, o ar pede, a passarinhada pede, Deus pede, Graças a Deus!

Ó Ar, agora sou o Fazendeiros do Ar!

O termo Fazendeiro do Ar vem de uma obra, homônima, de Carlos Drummond de Andrade.

Poesia e Cultura

sintam conectadas à cultura. Poetas são observadores nobres que semeiam palavras. E palavras são um modo certo para criar cultura e, assim, a cultura cria novas linguagens.

A cultura das palavras vem através de experiências de dor, perda, alegrias e conquistas. Os poetas chamam a atenção do público através do uso dessas experiências como se fossem imagens vividas, sombras emocionais,

linguagem figurativa e outros recursos retóricos.

A poesia é a tentativa concentrada da linguagem de falar o indizível, verbalizar o não-verbal e expressar o que permaneceria sem voz. Dessa forma, a importância maior de um poema é materializar imagens e palavras em forma de verso, alcançar o íntimo dos leitores, desvelando o véu da obscuridade.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020).

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Ivan Mariano Silva, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Anderson Labegalini e Diogo Labegalini de Castro

Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas.

Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)

Ernesto A. G. Bacellar Eng^m Mecânico Automobilístico

Monte Sião - MG CEP 37580-000

DELTA FOTO

PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

IVAN, LATIFUNDIÁRIO DO BEM

ISMAEL RIELLI

Monte Sião está mais pobre, não caminha mais por suas ruas, que ele tanto amava e conhecia casa por casa, o nosso seresteiro cronista Ivan. Encabeçando ou participando de tanta coisa boa para Monte Sião, lá estava ele. Cofundador, professor e diretor do ginásio de Monte Sião, idealizador, fundador e organizador da Museu Histórico - sua paixão.

Músico, violonista, promovia serestas, participava de corais e conjuntos de chorinhos, incentivou Violeiros do Sião. Colaborador antigo e assíduo desse jornal, assumiu sua dire-

ção, quando Hugo partiu. Autor de crônicas saborosas com ironia fina e muita verve. Algumas profundas e tocantes, quando recor- dava o avô Rafaello

O pai Geraldo e tantas personagens da história da cidade em panegíricos primorosos.

Datas históricas como a fundação da Cidade ganharam crônicas inesquecíveis. Como aquela em que, a partir do Morro do Lé, ele sobe a Rua Direita ao lado do fundador. O latifúndio amado proporcionou notícias e mais notícias variadas, engraçadas, muito criativas. E os causos surrealistas das pescarias do Godinho, quem vai

contá-los? Numa série em nove edições, esmiuçou rua por rua, casa por casa, família por família, as ruas centrais, mais antigas, da terra que tanto amou.

Piadista elegante, incentivador da cultura, brincava com as palavras de seu vasto vocabulário, desculpando-se quando usava alguma mais sofisticada com o “Eta nós”. Capacidade inventiva singular, transformava um tema aparentemente choto numa crônica hilariante. Com água na boca, degustava se o tabuleiro da Marcula. Organizando, incansável, capitaneava o concurso Fritz Teixeira de poesia, com participação

de poetas do Brasil inteiro e até do exterior. Na semana do imigrante italiano, eram dele as primorosas biografias das famílias homenageadas. Gostava também de Águas de Lindóia, a quem dedicou antológica crônica por ocasião do aniversário da cidade. Não esqueceu de ninguém e seus panegíricos homenageando, não só os ricos, os importantes, mas também pessoas simples das mais humildes profissões. Reunidos os muitos escritos do Ivan estampados nos longos anos desse jornal dão-nos um painel, um panorama, uma fotografia do que foi, e do que é Monte Sião. Em sua premonitória der-

readeira crônica Ivan relata a visita que lhe fez o pai.

Ivan foi um grande latifundiário: da amizade, da verve, da ironia, do bem, da inteligência, do bem querer, do desprendimento, do altruísmo, da abnegação, da criatividade, da memória, da cultura, da argúcia, da versatilidade, da perspicácia, do amor, da paixão por Monte Sião, pela família, pelos filhos e netos, pela Ivone, pelas tradições, pela história de Monte Sião e seu povo. Sem contestar os designios lá de cima bem que ele podia ter ficado mais um tempo por aqui, brindando nos com sua fala mansa, com seu violão, com sua inteli-

gência, com suas crônicas saborosas.

Muitas conversas inconclusas, muitas perguntas que queria fazer lhe ficaram pro AL DI LA, onde, a essas horas, você já se encontrou com Pascoal, Lola, Hugo, Diaféria...

E, por aqui, querido primo, um dia também estaremos próximos a menos de 50m.

“Se lá no assento etéreo onde subiste, Memória desta vida se consente”.

Não te esqueças da legião de amigos e admiradores que choram tua ausência.

Milagre a duas mãos

JOÃO GIBÃO

Bem diz o ditado que chuva pouca, chuvisqueiro, aquela chuva fina, chuva de pouca monta, é que molha a gente. Todo mundo acha que a chuva sendo pequena, pouca, fina, não molha ninguém... não molha uma ova. Depois que se passa por ela é que se vai ver o estrago – molhou-se tudo, até o tutano dos ossos! A chuva e o ventinho frio que a acompanha, engerela tudo, até o rego do tiórfio; de deixar o caboclo entanguido, com sérias propensões a pneumonia dupla, botando a criatura prostrada dois meses em hospital de boa qualidade: isso mesmo, se o dito cujo não bater co’as dez.

E era assim a dita Chuva-Fina.

Magrinha a ponto de não deixar ver que era teúda e manteúda, bem fornida de pernas, traseiro e comissão de frente, d’uma beleza tão formosa que se alguém pusesse reparo naquele tanto de apreparo feminino, já tava fisgado pela isca da paixão, daquelas que bota o nêgo de quatro e sem direito a outro recurso ou apelo que o tribunal dos apaixonamentos

possa lhe favorecer.

Por outro lado, estava lá como seu oponente aquele baita homão que só de falar com seu vozeirão grosso já derrubava sabiá da laranjeira. Era um som profundo, cavernoso e oco rouquejando fundo na amplidão do espaço, assustando até assombração criada nas profundezas dos infernos; um ronco desmedido que se o sujeito que ouvia o bicho estivesse meio desajeitado da barriga, plantava um pé daquilo cueca abaixo e enchia bem as calças.

Essa voz que parecia o ronco dos demônios, era do Chico Trovoada; embora só a voz fosse o suficiente para impor respeito onde quer que estivesse, aquele baita homão forte que fazia romper a trovoada peito afora, era coisa de desabuzar curupira, mula-sem-cabeça, estrofégo dos demônios, estrupício com nó no rabo, de deixar valentão à pão com mexerica, coisa por demais mesmo! Mas quem disse que tudo aquilo metia medo em alguém? Metia nada! Trovoada era a pessoa mais pacata do mundo, um coitado, um homem bão, batia daquele tanto e nuca assustou

quem quer que fosse, dado que era a mansidão em pessoa, sua bondade estava escrita e escarrada em sua cara, e com seu cabelinho de São João pendurados na cabeça, era o próprio cordeirinho de Jesus, embora em tamanho família. Era d’uma simplicidade tão grande que cativava todo mundo, falava grosso, porém baixinho e suave feito aquele instrumento musical chamado oboé com a intenção de só acariciar os ouvidos do povo, nada de aumentar o volume com a falta de educação de uma banda de rock; nada disso; só no devagar, com pouca força, com cuidados e carinhos. Com esse jeito de ser conquistou a todo mundo, desde os pequenos – a quem sempre adorou – até aos maiores, que eram seus fãs incondicionais.

E Trovoada era uma felicidade só, uma alegria de dar inveja a Carnaval; um contentamento co’a vida que lhe vazava por tudo quanto é póro e impregnava a todos que estivessem por perto, transformando cara-fechada em riso aberto de mostrar pra todo mundo.

E vai daqui, vai dali, quando em momentâneo

instante, quis a natureza que os dois – Trovoada e Chuva-Fina – se encontrassem pr’esse mundo afora.

Quando deu-se o instante do momento acontecido e Trovoada viu-se de frente com Chuva-Fina, a emoção e arrebatamento, os dois sentimentos juntos uniram forças e deram um coice no peito do Trovoada, que foi só pena que voou; o coitado, atingido por arma de tal calibre, já deitou com o arrei, caiu de quatro, espojando no chão, deu um nó no rabo e já não enxergou mais nada, a não ser os encantos daquela belezinha que havia destrambelhado os seus juízos. Ela, a Chuva-Fina, também não ficou por fora não! Esbugalhou os olhos e foi acometida de uma tremedeira tão feroz que quase teve um papoque de meia com estremilique forçando-a a sentar-se em cadeira de palhinha para não perder os sentidos, ou seja, os sintomas apresentados tanto por um quanto por outro foram trejeitos inequívocos de apaixonite aguda, capaz de fazer a pessoa – d’uma hora para outra – virar poeta de vasta inspiração a sair estribado nas cordas de um violão a

fazer serenatas de último furo.

O Trovoada estava desse jeitinho, com os olhos estalados vendo estrelas e lua cheia, dando aqueles suspiros de perder o fôlego; não comia mais, assim como não dormia, e montada nessa paixão fulminante, foi emagrecendo, mudando o furo do cinto para menos e sumindo feito bexiga furada.

Chuva-Fina, embora também estivesse caidinha pelo Trovoada, achou de enfeitar o pavão e não dar as graças de sua paixão pelo coitado, que nessas alturas do campeonato, estava que era só saco e canhaque. E ela não dava o braço a torcer. E foi indo, quando ela viu que ele estava reduzido a sub-nitrato de pó de peido, veio-lhe um arrependimento, uma tristeza, um nó no gorgomilho, que ela não aguentou o cheiro de brilhantina, e deu-se por entregue, declarando ao Trovoada a sua paixão. Quando isso aconteceu, para Trovoada foi coisa mais bonita que a queima de fogos no 1º dia do ano no Rio de Janeiro, foi um nascer de novo para todo o mundo, para a felicidade; aí então aquele

coitadinho passou a viver, a comer, criar corpo até virar de novo Trovoada.

Passaram a viver juntos para sempre e apresentarem espetáculos da natureza. Assim é que quando se ouve um som profundo, cavernoso e oco roquejando ao fundo na amplidão do espaço, e indo aos poucos morrendo, sem contudo morrer de vez, e uma chuva lerda, chuvisqueiro, chuva de pouca monta, Chuva-Fina, e que o povo acha que aquilo não molha ninguém... não molha uma ova! Experimente!

E até hoje vivem os dois, em amor sem fim, e apresentam um espetáculo – ele aos poucos anunciando a chegada dela e ela também aos poucos, vindo trazer fartura prá nós todos. Os dois, Trovoada e Chuva-Fina, um espetáculo de raios, estrondos e coriscos que fazem com que nitrogênio una-se à água que vai cair e então, a Chuva-Fina – arremedando o maná citado na Bíblia – vem aos poucos como que abençoando o mundo, trazendo fartura a todos nós. E eles dois abraçados, se comprazem com o espetáculo de ajudar a natureza a fazer um mundo melhor.

Crônica para não surtar na quarentena

MARCELO MARTINS

Um grande (e sábio amigo meu) me disse duas coisas que me marcaram muito: “Amigo você escolhe, família, não” e “Tudo se realiza de uma forma perfeita, só não é como a gente quer”. Essas duas frases me marcaram muito, a partir de uma experiência ruim que tive nesse período de quarentena e que gostaria de compartilhar com você.

Na tarde de segunda-feira, 21 de julho, fazia uma

linda tarde ensolarada, a qual pude admirar da minha janela, enquanto trabalhava do décimo andar de casa. Ao mesmo tempo, ouvia um rock, para relaxar. Mas, uma inflamação no ouvido esquerdo, o bruxismo (alô, dentistas de BH, entrem em contato!), a saudade de encontrar com amigos, colegas de trabalho e família (até mesmo com desconhecidos no ponto de ônibus ou no interior dos veículos) e a incerteza de quando durará esse período me fizeram adoecer.

Ficar doente da alma – algo que eu achava impossível de ocorrer comigo.

Pois bem. Terça-feira, 21 de julho de 2020. Acordei bastante animado para fazer minha primeira caminhada matinal, após mais de três meses em isolamento (eu não sou da manhã, mas, como minha casa não bate sol pensei em aproveitar o banho de Vitamina D na rua). De repente, uma força descomunal (força F que chamava láááá no Ensino Médio) me impedia de

trabalhar, de beber água, de pedir ajuda. Ainda bem que chegou uma mensagem me perguntando “Tudo bem?” (tão comum pra gente, né?) e eu tive a “audácia” de responder “não”.

Essa força descomunal, desanimadora e pandêmica pode ter muito mais força do que você. Sugiro, então, o seguinte: se você já passou por isso, mesmo que antes dessa pandemia, converse com sua amiga, com seu amigo, com sua colega de trabalho, com seu colega

de equipe, com sua família. É algo terrível. Sim, é. Mas, fale. Fale e quebre o tabu, como aquele em que um jornalista não pode falar sobre suicídio em um veículo de comunicação, a fim de não incentivar o público a fazer o mesmo. (Acho isso ainda um absurdo nos dias de hoje, com tanto acesso à informação, mas sigamos).

Sigamos no caminho de enfrentamento à pandemia,

com informação bem apurada, dando credibilidade ao trabalho de jornalistas e com muita cultura – tocando um instrumento musical, assistindo a um filme ou série, ouvindo música, conversando com amigos em uma live, namorando, valorizando o calor da relação familiar. Por ora, uma delas ou as duas juntas – cultura e amizade – nos salvarão desse período tão louco que vivemos.

Jornal virtual

Você também poderá ler este jornal através do site:

www.fundacaopascoalandreta.com.br

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS
Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS

DERBY Textil

Av. Monte Sião, 925
Bela Vista
Águas de Lindóia/SP

(19) 3824.2499
(35) 99138.0307

Trabalhamos com remalhadeiras “Completo” - Kimp para limpeza interna

- Agulhas e platinas para retilíneas
- Agulhas e ponteiras para remalhadeiras
- Bobinas e seletrores
- Óleo lubrificante

105
AUTO PEÇAS

vivo
9 9852 5105
3465 3105 - 3465 5105

SEGURANÇA
CATINI
ELETRÔNICA

Ligue: 1101 3824-5421 / 1101 3824-1094

➡ Venda e instalação de Alarmes
➡ Monitorados e convencionais
➡ CFTV - Cerca Elétrica
➡ Locação de equipamentos

Monitoramento Via Rádio, Internet e Linha Telefônica.
Solicite um Orçamento sem compromisso!

Av. Monte Sião, 3333 - Loja 20 - Shopping Uniminas
Águas de Lindóia - SP - www.catinisegurancaeletronica.com.br

ESCRITORES NEGROS IMPORTAM: MARIA FIRMINA DOS REIS

CAROLINA NASSAR GOUVÊA

“Pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados”. A citação compõe o prólogo do romance *Úrsula*, escrito pela maranhense Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859. Talvez a afirmação da escritora esteja pautada no fato de que, em sua época, a posição de muitos escritores atrelava-se a viagens na Europa, ao domínio de outros idiomas, diferente da posição de Firmina: mulher, filha de pai negro e mãe branca e professora, após ter passado em um concurso público. Em um contexto onde o patriarcalismo imperava na sociedade, Firmina optou por se opor ao modelo da mulher criada apenas a ser mãe ou ser a esposa que vai servir ao marido e anulada pelos homens, especialmente na capacidade de criar.

Esse modelo de sociedade patriarcal, predomi-

nante no século XIX, veio da Europa, onde o pensamento imperialista excluía diferentes identidades, isto é, não havia espaço para o negro e a mulher, por exemplo. No entanto, embora o patriarcalismo pareça ter ficado para trás, a sociedade atual ainda parece não enxergar o escritor negro como deveria, tendo em vista que o romance *Úrsula* não é mencionado nos livros didáticos como Castro Alves. Cabe ressaltar também que, na verdade, é o romance de Maria Firmina dos Reis o primeiro a explorar da temática abolicionista, pois “Navio Negreiro” foi publicado apenas em 1880.

Ao abordar literatura na escola, geralmente os professores trabalham com os alunos os cânones, ou seja, obras que se tornaram consagradas. Em relação à autora negra, se estuda em sala de aula, muito provavelmente a escola falaria do seu romance “*Úrsula*”. Ao contrário de José de Alencar, autor de obras que trazem uma colônia idealizada nas quais

o índio é visto como herói, Firmina dos Reis cria personagens negras que têm consciência de sua condição de escravos e do passado africano.

A princípio, a obra parece apenas mais uma história de amor entre Tancredo, um homem visto como bem-sucedido e Úrsula, uma personagem branca, em situação econômica inferior à de Tancredo. Em contrapartida, personagens negros e escravizados do livro são retratados de maneira incomum para a época: naquele contexto, o negro era invisível e o índio e a mulher idealizados por uma literatura que atendia aos gostos da elite. Portanto, há uma fidelidade ao trazer o negro em sua obra, pois problemas envolvendo a escravidão e o indivíduo que perde a identidade ao deixar a África são questões reais que a obra abarca.

Além da personagem que dá nome ao romance, outros personagens negros, Túlio, Susana e Antero, possuem voz, história e memória, tendo em

vista o passado dos africanos. A autora aborda o preconceito sustentado, muitas vezes, por teorias de superioridade racial, bem como o sofrimento do negro obrigado a deixar a África e as dificuldades enfrentadas no navio negreiro. Na fala da personagem Susana: – Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a quem me foi caro! [...] Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país. Ah, Túlio, tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! oh! tudo, até a própria liberdade (REIS, 1988, p. 115).

Apesar de o romance *Úrsula* ser bastante lembrado, a escritora abolicionista compôs também canções abolicionistas e poesias, ensaios e crônicas publicados em jornal local, segundo alguns pesquisadores. O conto “A Escrava” também ficou conhecido e foi publicado na revista Maranhense

onde é possível ler uma narrativa sobre uma ativa defensora da causa abolicionista. No entanto, assim como Carolina Maria de Jesus, seus escritos caíram no esquecimento, felizmente, redescobertos depois.

Sobre a autora, nascida em de março de 1922, há um fato importante a ser mencionado: ela não deixou foto ou retrato e a maioria das imagens vistas por aí são, na verdade, da gaúcha Maria Benedita Câmara (1853-1895), também escritora, mais conhecida por Délia. Até 2012, na Câmara de Vereadores de Guimarães, no Maranhão, um quadro representava esse equívoco em relação à sua imagem: Maria Firmina fora retratada com a pele branca, de cabelos presos e usando um vestido aparentemente luxuoso, conforme o site BBC. A mesma fonte menciona que, apesar de haver uma biografia escrita sobre ela, intitulada “Fragmentos de uma Vida”, há muitos fatos desconhecidos a seu respeito, tais como a sua

juventude e o local onde ela concluiu seus estudos. Por fim, recebeu na escola fundada pela própria escritora, sem cobrar nada, crianças e adolescentes pobres. Aos 95 anos faleceu, em 2017, e deixou 11 filhos adotivos.

“Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão, fomos amarrados em pé e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa”, relatou no Romance *Úrsula*.

Defenda o Livro

AROLDO COMUNE

O livro não é um item de fácil acesso ao brasileiro médio. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, realizada pelo IBGE em setembro do ano passado, 27,3 milhões de brasileiros, ou seja, um terço do total de trabalhadores do país, recebem até um salário mínimo. Some-se a isso o fato de que há 12,2 milhões de desempregados no Brasil, segundo um levantamento do mesmo instituto feito em julho de 2020. Considerando o custo de vida desses cidadãos após idas ao mercado e pagamentos de contas e alugueis, entende-se como comprar livros é algo não factível a uma grande parcela de nosso povo.

Atrelado a isso está o fato de que 12,3% dos municípios brasileiros não possuem sequer uma biblioteca pública, segundo

a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, realizada também pelo IBGE e divulgada em setembro de 2019. Isso sem contar as cidades cujas bibliotecas até existem, mas não recebem grande atenção de seus governantes.

Esse cenário pode piorar ainda mais com a infeliz ideia do ministro da economia, Paulo Guedes, que, diante de um momento de crise econômica, decidiu, adivinhem só, aumentar os impostos. E por mais surreal que isso possa parecer, em vez de aumentar tributos sobre cigarros, sobre os bancos ou, o mais lógico, sobre grandes fortunas, o dito ministro quer taxar os livros. Quem assistiu a trechos de uma transmissão ao vivo desse economista em maio deste ano e viu sua estante deserta, com meia dúzia de livros espalhados por ela, pode intuir que esses itens definitivamente não são alvos

de seu apreço (aliás, nem de quem o empregou, que os criticara por eles terem “um amontoado de coisa escrita”).

Vale aqui lembrar que a Constituição Federal de 1988 proíbe “instituir impostos sobre livros, jornais, periódicos e o papel destinado a sua impressão”. Sobre contribuições (que no final das contas é um nome diferente para imposto), como o PIS e o Cofins, a Lei 10.865/2004 protege os livros dessas cobranças, zerando-as. O ministro então enviou ao Congresso o Projeto de Lei 3.887/2020, que tem o intuito de criar e cobrar o tributo chamado de Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), fazendo com que a lei citada de 2004 “perca a validade”. Esse novo “imposto” cobraria absurdos 12% de alíquota, aumentando ainda mais o preço dos livros, que fariam parte de um mercado

que já está cambaleando há um certo tempo.

Quando indagado pelo deputado Marcelo Freixo sobre o referido projeto de lei, Guedes alegou que, assim como ele, o deputado podia muito bem pagar um livro e o suposto novo tributo. Com relação à impossibilidade das classes econômicas mais baixas de pagarem por um preço mais alto de livro, a resposta do ministro da economia do Brasil foi que “a classe mais pobre está mais preocupada em sobreviver do que frequentar livrarias” e arriscou dizer que o governo poderia doar livros a esses cidadãos, mas não informou nenhum detalhe a mais sobre essa suposta medida, nem de onde tiraria os recursos para isso ou quais tipos de obra seriam escolhidos pelo governo para que fossem doados... Ele, é bom que se lembre, também criou polêmica

quando, em fevereiro deste ano, afirmou que era bom mesmo o dólar estar alto porque “todo mundo estava indo para a Disneylândia, inclusive empregada doméstica, uma festa danada”, em uma frase que causaria inveja em Caco Antibes, histórico personagem de Miguel Falabella que se considerava membro da classe alta e menosprezava os menos favorecidos.

O livro é o meio mais barato de ampliar o acesso à cultura e à informação e deveria ser acessível a toda a população. Essa tentativa de tributá-lo e aumentar consideravelmente seu preço é um retrocesso para o país e não pode seguir em frente. O abaixo-assinado disponível em “<https://www.change.org/DefendaOLivro>” busca reunir o maior número possível de assinaturas como forma de deixar clara a insatisfação da sociedade

diante desse projeto de lei. Quase um milhão de pessoas já assinaram a petição no momento da finalização deste texto. Assine você também. Defenda o livro.

PS: Diante da triste notícia do falecimento do Ivan, deixo aqui meus sentimentos à sua família e meus desejos de que ela tenha muita força para superar esse momento de dor. Lamento muito essa grande perda para a cultura e a literatura monte-sionense. Sempre serei grato ao Ivan por esses anos em que fomos colegas no JMS, o que só aconteceu por convite dele. Ivan Mariano vai fazer muita falta a esse jornal e a todos que o conheciam.

Sobre videntes e profetas

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Tempos atrás li um artigo sobre as previsões mais erradas do mundo. Não dá para repetir aqui nesta curta mensagem. São muitas e engraçadas, procure saber. É só pesquisar. Em todas elas aconteceu exatamente o contrário. Sobre o cinema, o automóvel, o trem, a internet e até sobre os Beatles, um grupo musical medíocre que nunca faria sucesso. Curioso, nenhum vidente previu a pandemia do coronavírus. Agora, depois dessa desgraça mundial, a cada dia estão surgindo os profetas do que virá. Os adivinhadores do futuro. Dizendo que o mundo vai ser assim ou

assado nos próximos cem anos. Fico impressionado com a “sabedoria” desses gurus que mais se assemelham aos engenheiros de obras feitas. Muita gente acredita. Daí fico mais impressionado ainda.

Provavelmente, em algum esquecido dia do passado, todos nós já fizemos algum tipo de previsão que acabou não dando certo. Sobre nós mesmos, sobre os filhos, sobre economia, religião ou time que seria campeão. Pior que não dar certo, é dar completamente errado. O oposto daquilo que se previa. Acho que você entendeu. Parece a mesma coisa, mas não é. No mundo inteiro há célebres frases sobre isso. A diferença é que somos

meros anônimos e nossas manifestações não ficam registradas na história. Mas, se você conversar sobre fatos de sua própria família, ou com amigos, pode ter certeza, alguma coisa virá. Na verdade, é sempre assim: o homem sempre quer adivinhar o futuro. Na grande maioria das vezes, erra. E a vida segue. Como você acha que vai ser o mundo pós-pandemia? Quer arriscar um palpite?

Sem palavras

JOSÉ CARLOS GROSSI

Preferiria uma crônica sem palavras e que entre vírgulas houvessem desenhos de pássaros, peixes, flores e insetos.

Não mais uma crônica, um pequeno conto de coisas absurdas e personagens que se dissolvem em bolhas de sabão.

Talvez uma história de homens humildes, com seus cajados e sandálias, mantos com capuz assombreado o rosto, perambulando por entre árvores de bosques encantados.

Nem ousaria que fosse uma poesia de muitos versos...

Porque há um momento em que o escritor se perde em neblinas e os dedos se confundem no trajeto dos parágrafos.

Quem haverá de corrigir seus erros? Suas imagens baças?

Deveria sempre estar presente um mago que lhe desse conselhos, mas agora é tarde demais pra procurar conselhos de magos, e as crônicas, como os poemas, ficarão cada vez menores, quase perdidas em metáforas...

Portanto, hoje a crônica é do tamanho exato de uma lágrima.

DÉJÀ VU

MATHEUS ZUCATO

Em memória do senhor Ivan Mariano

De repente nos vemos mergulhados na água tentando respirar as migalhas da vida. De repente o mundo se torna escuro, as águas se tornam frias, como se desejassem te fazer adormecer num sonho de inverno, num sono de neve em que os seus dedos perdem todos os sentidos que foram dados às coisas do mundo, e então suas pálpebras pesam, e pesam até não mais pesarem, até tudo ficar tão leve que você aceita que a correnteza do fundo do mar te busque como uma mãe põe um filho adormecido na cama.

Nós mal conseguimos perceber que estamos afundados em água. Neste ambiente comum, a água não diferencia o rico do pobre, o forte do fraco, o magro do gordo, o homem da mulher; e é nesta cega realidade que damos os tais sentidos às coisas, todas elas molhadas a parecerem secas aos olhos afogados, que, acostumados a ver água por todo canto, nem imaginam a pureza do ar. Quanto tempo dura nossa submersão?

De repente nosso cabelo perde a cor, nossa pele se enrugua toda, os olhos desbotam-se e os pés finalmente tocam o fundo de um oceano de água doce. Surpreendentemente, é quando tudo se apaga que passamos

a procurar à luz. Nossos olhos opacos captam um fio de cabelo feito de luz que desce dançando pacificamente causando um estrelecimento incomum, desses que só se sente uma vez na vida, quando enfim os nossos membros começam a se mover de forma independente. Eles balançam o que chamamos de realidade e nos mostram que a realidade pode ser cavalgada se fizermos os movimentos certos. O corpo ascende vagarosamente enquanto os cabelos caem em fios de luz e a pele desfarela-se em tiras brilhantes enquanto os olhos criam uma membrana que nos permite finalmente olhar e ver as coisas como elas são. Todo um mundo

subaquático é apresentado, e seus segredos parecem perder as máscaras. Enquanto subimos, os sons parecem tocar numa melodia clássica cada vez mais nítida. A fronteira é logo ali.

Fechamos os olhos pela última vez antes de sermos revelados ao ar quente da superfície cheia de sons e de olhos e luzes e sensações aos milhares que podem enfim revelar os mistérios da vida. Em seguida, abrimos os olhos pela primeira vez, e somos recolocados na água gelada. Um arrepio indica que ainda não sabemos nadar. E a vida nasce outra vez.

Mais respeito com o português - No. 22

ISMAEL RIELLI

Vocativo

Do latim vocare - chamar. É o termo usado para chamar ou interpelar a pessoa, o animal ou a coisa personificada a que nos dirigimos (Cegalla)

Correi, correí, ó lágrimas saudosas (Fagundes Varela)

A ordem, meus amigos, é a base do governo (Machado de Assis)

As vezes o vocativo é precedido pelas interjeições oh, ó, olá

Tem compaixão de nós ó Cristo!

Cuidado prá não confundir o vocativo com o sujeito.

Propaganda de óleo Maria Maria, sai da lata! (Sujeito - tu)

Maria, saia da lata! (Sujeito - você)

Maria saiu ileisa da lata. Aqui Maria é o sujeito

Na salve rainha encontramos uma fileira de vocativos

Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre virgem maria...

No extraordinário navio negreiro de Castro Alves, encontramos belos vocativos!

Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei - me vós, senhor Deus! Se é loucura...se é verdade Tanto horror perante os céus? Ó mar, por que não apagas

Co'a esponja de tuas vagas Do teu manto este borrão? Astros! Noites! Tempestades! Rolai das imensidades! Varrei os mares, Tufão!

E os versos finais

Andrada! Arranca esse pendão dos ares!

Colombo! Fecha a porta dos teus mares

Sugestão de leituras para esses borrosos dias pandêmicos:

As cariocas de Sérgio Porto, o impagável Stanislaw Ponte Preta

- Decamerão de Boccaccio

- Contos de Machado de Assis

- Contos de Maupassant. Esse cara é bom mesmo! Não é a toa que é considerado um dos maiores contistas do ocidente.

Mais alguns galicismos. Palavras ou expressões de origem Francesa incorporadas ao nosso vocabulário

Debacle : ruína financeira, derrota militar, queda

Demarche: Diligência, providência, andamento dos acontecimentos, modê : fora de moda, ultrapassado ; Dernier cri: último grito, a última moda; Detraquê. Desequilibrado

Homicida - Que comete homicídio. Não é o que mata um homem. É o que mata um se-

melhante, que causa a morte de outra pessoa. Do prefixo grego homo: igual e cida: que mata Homofônico, homogêneo, homografia, homônimo, homopétalo, homossexual,

Hétero: também prefixo grego, antônimo de homo:

Heterogêneo, heterofônico, heterocarpó, heterocromia, heterodactilo, heterodoxo, heterófilo, heterofônico, heteromorfo, heterônimo (Fernando Pessoa) heterossexual

No Brasil abundam e aumentam a cada dia os homicídios. Somos campeões nesta modalidade. É alarmante o número de vidas ceifadas, muitas vezes, gratuitamente

Monte Sião carrega, do segundo quartel do século passado, um homicídio que traumatizou a cidade. Um "cunhadicídio" no escurinho do cinema

E quando um mata o outro e o outro mata o um?

Dois casos desses ocorreram nas Termas de Lindóia no bairro dos Francos e dos Pereiras (Jaboticabal) que na época pertenciam a Socorro.

Na estrada de Monte Sião onde a pista faz um "L" (garagem da fênix) num casarão amarelo, na beiradinha da pista ficava a venda do Zé Maneco.

A venda já não era mais do Zé Maneco: era do Gustão

Mineirinho tinha uma conta adormecida na venda e o Gustão vivia a cobrá-lo. Até que um dia os ânimos se exaltaram talmente que Gustão, munido de uma faca pulou o balcão e esfaqueou várias vezes Mineirinho, que, sangrando, caiu na pista - havia um degrau na calçada da casa amarela. Moribundo, mineirinho sacou a garrucha e desferiu um único tiro certo que atingiu o coração do robusto Gustão. Ambas as mortes foram instantâneas e coevas.

Nos Pereiras, em 1947, tragédia rural.

Por causa de divisa e passagem de servidão João Alves, com o enxadão e Joaquim Raimundo de Souza com um revólver se mataram mutuamente

TROVAS

Eu pergunto a medo Quase a sentir - me covarde: Nascestes por demais cedo, Ou fui eu que nasci tarde?

Rir é uma virtude nossa Que a todo mundo enobrece; Quem vive alegre, remoça; Quem vive triste, envelhece!

A gente quanto mais ama Mais sofre, soluça e chora; Pois o amor é como a chama. Crepita, queima e devora!

O Canto da Poesia

Meu amigo Ivan

É madeira de lei
É jacarandá
É anjelim
É osso
puro marfim
É fruto de videira
Mourão de aroeira
É luz
que não tem fim

Eraldo H. Monteiro

Ao Ivan

Éramos muitos
somos nenhum

José Carlos Grossi

Mariano Silva

Foi um Ivan que não foi em vão.
Seu legado
É um pedaço de Monte Sião.

Falar o que?
Um nome com,
Só quatro letras
E numerosos atributos.

Não serei enfadonho.
Relatar suas qualidades?
Daria trabalho medonho.
Vou rir da casualidade.

Ele era um cara divertido.
Tinha a palavra sonora.
E o rastro colorido.

Com quem foi alegre,
Tão pouco ficarei triste
Ele virou sonho
E muito dele ainda existe:
Serestas, histórias, Colégio, causos
Museu, Fundação, violão, Jornal,
Brumal, Consultório, livro,
Contos, palestras, pescarias,
Filhos e netos
Admiráveis.

B. O. B.



Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Agosto de 2020

N.º 578

ANIVERSARIANTES DO MÊS

SETEMBRO DE 2020

Dia 01 Átyla Canela Bueno Selma Rodrigues Coelho Anderson Labegalini, Dir. Financeiro deste jornal Rodrigo Comune Faria Dia 02 Fernando da Costa Aparecida Eliza A Faria Bruno Forte Gottardello Manoel Cordeiro da Costa Dia 03 Nemésio Lúcio Fávero Adriana A. Lopes Mussi Isabel Bernardi Guarini Dia 04 Érica Aparecida Moraes Dia 05 Renato Jacomassi, Rio de Janeiro/RJ Dia 06 Carmelina Brischliari Labegalini, Marumbi/PR Elaine Cristina M. da Costa Dia 7 Diély Fernandes Veridiano, Gatinha do Jornal em Abril 2008. Dia 08 Avelino Borges de Queiróz Filho Fabrício Labegalini Alessandra Pedroso Dia 09 Iracieli Souza Ribeiro Marco Antonio de Souza Nelson Alves de Souza Dia 10 Selma de C. Bernardi Maria Elenice Zucato Dia 11 Glória Nilza Cyrne Beltrame Edmilson Comune Virgílio Cláudia A. Almeida Benatti, Dia 12 Mário Silvério da Silva Alice Pereira Alves Dia 13 Valtair Augusto (Godinho) Mariane Aparecida Cezar, Gatinha do Jornal em Maio de 2008. Dia 14 Amilton de Godoi Bueno Felipe C. Pereira Grossi Caroline L. Gottardello Maurício Zucato Júnior Dia 15 Laila Zancheta Comune Dia 16 Nicole Andressa Canibal, Gatinha do Jornal em Fevereiro 2008. Jorge Luiz de Castro Ribeiro Dia 17 Evilyn Danieli Lino Mara Cristina Dias Almeida Gabriel Delgado G. Pepe Benedita Aurora Labegalini Maria Adriana de Moraes, Aguai/SP Rita Nancy Bernardi, Valinhos/SP Terezinha Comuni Guireli, Valinhos/SP Dia 18 Afonso Nicolau Guarini, Curitiba/PR Marilda A.S. D. Fernandes Maria Donizete de Moraes	Dia 19 Danilo Odinino Luciene Lino dos Santos Carolina Bernardi Andrade, Valinhos/SP Dia 20 Nilza Labegalini Ferreira, Maringá/PR Cláudia Faraco Faria Marlene Simões Comune Dia 21 Matheus Augusto C. de Souza Josefina de Souza Dia 22 Vera Lúcia de Castro Zucato Noêmia Comune Tatiana Caetano Monteiro Vilma Gomes da Silva Eder Faustino Bueno Lucas de Souza Moraes Dia 23 Luiz Righete Marcele de Mello Figueiredo, Belo Horizonte/MG Cibeli Labegalini, Guarulho/SP Adriano Brandão Gustavo Humberto Monteiro Regina Esterlina Benatti Leandro Ap. da Costa Dia 24 Eliezer Labegalini Carlos Roberto Guarini Ana Paula Corsi Maria Lucila de Carvalho, Valinhos/SP Helena Maria Vilela Faria Luiz Marcelo Bassi Maria Madalena C. Souza Dia 25 Juliano Righete André de Paula Martins Gema Aparecida Grossi Dia 26 Kárin Tavares Odinino Dia 27 Josiane de Freitas, Gatinha do jornal. Débora Odinino Camila B. Castro Bueno Mário Francisco Renção Ruth Comune Bernardi Rafael Guarini, Curitiba/PR Flávio Evangelista Toledo Dia 28 Túlio Luiz Couto Odinino Iramaia Camargo Labegalini, Maringá/PR Benedita Sônia Zucato Cétolo José Carlos P. de Lima Dorvalina Labegalini Cétolo Dia 29 Ary S. A. Mota Heloisa Correa Genghini Adriano Canela Inês Pedroso Ortoloni Dia 30 Marli Comparim Samuel Almeida Vieira Sabrina Tavares Silva Cristiano Comparim, Sto. André/SP Maria Helena Vieira Maria do Carmo Andreta, Dia 31 Alini Caixeta Vieira Ribeiro, Machado/MG Isabelli Bueno Pennacchi
--	---

A todos, as felicitações da redação.

DEFENSORES DO MEIO AMBIENTE

Sempre me pus a pensar em como ficam os ninhos dos passarinhos quando é chegada a época das podas das árvores. Será que os eventuais ninhos seriam respeitados? Foi com essa dúvida na cabeça que me deparei com um grupo de trabalhadores da Prefeitura Municipal com a referida atividade nas árvores do nosso jardim principal. Aproximei-me e reconheci um deles, o Jônata, que foi meu aluno no Ginásio Provedor. Mais confiante, perguntei-lhe sobre como eles agiam na questão das podas. Demonstrei-lhe minha preocupação com os possíveis ninhos encontrados nas árvores e como eles trabalhavam essa questão. Jônata, muito educado como sempre foi, garantiu-me que antes de iniciarem qualquer poda de árvore, olhamos com muito cuidado e atenção se há ou não algum ninho de passarinho. Se houver, tomamos o máximo cuidado para preservá-lo e a poda é feita apenas no entorno do ninho, preservando inteiramente aquele pequeno espaço. Caso contrário, a poda é feita sistematicamente sem nenhuma preocupação. Agradei ao Jônata e dei-lhe os parabéns, extensivo aos seus compa-

nheiros, pela proteção e carinho que devotam aos nossos pequeninos e maravilhosos seres voadores. Pequenos atos que representam grandes virtudes!

José Claudio Faraco

/=/=/

“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”

Clarisse Lispector

/=/=/

POSTE FAZ XIXI NO CACHORRO

Não sei se você reparou, mas está cada vez mais difícil dirigir por aí. Ou você acha que não?... Está mais fácil morrer de acidente do que de coronavírus. Outro dia vi um bizarro desastre envolvendo um automóvel, uma bicicleta e um trem. É quase impossível imaginar como estes três seres inanimados conseguiram se encontrar num mesmo lugar, num mesmo momento. Teria sido obra do Espírito Santo?... Pois é, quando ouço ou leio notícias sobre acidentes de trânsito,

fico impressionado com a “irresponsabilidade” dos carros, ônibus, motos e caminhões, além das “assassinas” estradas, rodovias e ruas. É sempre noticiado mais ou menos assim:

— Carro desgovernado invade calçada e mata idosos.

— Ônibus sem freio destrói casa e loja.

— Caminhão atravessa a pista e mata cinco pessoas do outro lado.

— A conhecida estrada da morte causa mais um grave acidente.

— Moto bate gravemente no muro causando duas vítimas fatais.

— Veículo na contramão atropela jovem que ia trabalhar.

— Rodovia em mal estado gera mais um acidente fatal.

— Carro derruba poste na Estrada da Boiada.

Fico pensando com os meus retardados botões: ninguém faz nada contra esses assassinos em potencial?... Estes irresponsáveis objetos inanimados cometendo tantos crimes podem ficar soltos por aí sem nenhuma punição?... Só para saber. Bom-dia!

José Antonio Zechin

Bolo de Palavras

ZEZA AMARAL

Seria como sentir o aroma da lenha queimando na fofalha da Maria-Fumaça. As meninas do meu tempo tinham cheiros de viagem, de longos caminhos, tanto quanto seus longos cabelos ondulados, uns mais outros menos, mas com a mesma maciez das touceiras de capim gordura que nasciam ao lado da estrada Mogiana, margeando a hoje Rua Ari Barroso, no Taquaral. E de taquaras vivíamos; afinando finas varetas para fazer maranhões, pandorgas, bacalhau, pipas, quadrados, e assim levantando aos céus nossos pequenos sonhos de beijar as nuvens e mandar uma carta aos ventos, com palavras de papel de seda alinhavadas com linha doze amarrada em uma latinha de massa de tomate elefante. E de taquara eu também fazia uma vara de pescar lambaris na Lagoa do Taquaral, com linha de barbante e anzol de arame de cerca — nunca se pescava nada, mas a mágica era passar o tempo de mais um dia de liberdade. Mas a ideia era mesmo dar um mergulho na lagoa e amaiñar o calor da pele e do pecado. Em casa, a mãe passava a unha na minha perna e um risco branco testemunhava a desobediência; e o chinelo macio me avisava do perigo das águas perigosamente calmas e silenciosas da lagoa que já tinha tragado vários meninos...

Não tenho mãe para riscar as minhas palavras e avisar dos peri-

gos dos redemoinhos que nascem nas intenções fascistas. A minha lagoa é este pequeno espaço onde repouso meu anzol inofensivo a quem quer que seja. E nas poucas horas em que preparo a isca das palavras vou recordando do prazer de andar de barco pela velha Lagoa do Taquaral, remando o meu próprio corpo, e assim demarcando os meus próprios caminhos — que bem ou mal eram meus e intransferíveis; assim como os pragmáticos trilhos da Maria-Fumaça e dos bondes da cidade. E as palavras são mourões das frases onde assento os trilhos das minhas poucas opiniões a respeito das paisagens que formam o que entendo por viver sem a covardia da omissão.

Pescar assuntos e palavras nesses tempos de total e completa solidão social é ter a mesma paciência dos bons e velhos pescadores do Rio Atibaia que banhava a minha adolescência ribeirinha. Um pouco abaixo da minha casa passava o bonde que ia para Sosas. E em alguns domingos eu costumava fazer uma visita ao rio que levava o nome da minha cidade natal: Atibaia. E assim me sentava em uma pinguela e ficava aguardando notícias de congadas, de tambores e sons de viola. E ainda carregava as mãos quentes da minha avó Lucinda, mãe do meu pai — de quem nunca tive um abraço ou um aperto de mão. Ele era pai e eu apenas mais um filho dos oito que ele bem pôs no mundo. E era pescador do

Atibaia — e sempre acompanhado de bons amigos que, quando da sua morte, disseram do orgulho que ele tinha pelas minhas palavras. Assim, devo dizer que fui amado pelo avesso paternal que, do jeito dele, era a maneira de ele expressar o seu carinho. E assim sempre busco dizer do que gosto e desgosto. Vivo o meu tempo e não o passado. Não sou como o meu pai e nem meus tempos serão como eu. E nem as minhas palavras serão as mesmas dos velhos mestres da escrita. Tenho garimpado e pescado outros sentidos para as palavras que venho buscando para entender o que significam ética e valores morais. O resto é apenas conversa mole de quem junta leite condensado para fazer um bolo ou arroz doce. Tudo bem: tudo é doce, mas sem sentido de paladar, sem valor de mais valia. Faço bolos de lembranças. Cada palavra é um ingrediente que deve ser pesado ou medido na colher de chá. Tudo tem de estar bem no seu lugar, e, é claro, batido com a colher da ponderação, nem mais nem menos, apenas bater junto ao corpo e depois deixar a massa das frases descansar em uma tigela coberta por um pano de prato. A massa moral há de crescer e uma pitada de ética é importante para o sabor de cada palavra. Bom apetite, meu raro leitor.

Bom dia.

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) **3465-1635**
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios:
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA

**ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS**

**RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) 3465-5463**

PNEUS

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

**Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144**

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

DROGARIAS ULTRA
POPULAR

Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro
(em frente ao Itaú)
(35) 3465-1120 / 3465-5633
Monte Sião/MG

Rua Argentina, 19 - Centro
(no Baão)
(19) 3924-1196
Águas de Lindoia/SP

ELETRÔNICA MONTE SIÃO
Everson Labegalini

Peças e Acessórios para
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi nº 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG
Cel.: (035) 8404-5136